

LADINO E SUA EXPRESSÃO LITERÁRIA NA AMÉRICA LATINA

LADINO AND ITS LITERARY EXPRESSION IN LATIN AMERICA

Regina Igel*

... “tal vez sea la lucha contra el olvido el vínculo que sirve de común denominador en la cultura sefardí.” (Jacobó Sefami)¹

Resumo: A luta contra o esquecimento pode ser o denominador comum que une a cultura sefardita, como bem observa o Prof. Jacobo Sefami. Envolvidos nessa luta no campo literário estão os autores mexicano Miriam Moscona e o chileno Hernán Rodríguez Fisse. Muitas de suas páginas oferecem textos em ladino, um dos antigos elos do mundo sefardita que agora ressurgiu na América Latina, por meio de seus escritos.

Palavras-chave: Ladino. Esquecimento. Memória. Miriam Moscona. Hernán Rodríguez Fisse.

Abstract: Struggle against oblivion may be the common denominator linking the Sephardic culture, as Prof. Jacobo Sefami rightly observes. Involved in this struggle in the literary field are authors Mexican Miriam Moscona, and Chilean Hernán Rodríguez Fisse. Many of their pages offer texts in Ladino, one of the former links in the Sephardic world that is now making a resurrection in Latin America, through their writings.

Key words: Ladino. Oblivion. Memory. Miriam Moscona. Hernán Rodríguez Fisse.

Introdução

A expulsão da Espanha em 1492, provocada pelos reis Fernando e Isabel, foi apenas uma das diásporas sefarditas que mudou as vidas dos judeus. Depois da expulsão, os reis sentiram o vácuo deixado pela população judaica nos seus domínios o que fez com que os obrigasse a permanecer, mas convertidos ao catolicismo. Os reis e seus comparsas da Igreja Católica condenaram, os que resistiram às suas ordens e aqueles que fingiam ser católicos, à morte nos

* Professora Emérita, University of Maryland, College Park, Estados Unidos.

Email: <reginaigel@aol.com>.

¹ Sefami, J., 2002. “Memory and identity in the Sephardic and Mizrahi literature of Latin America”. *Sefarad*, 62(1), 143-167. Acesso em janeiro, 2022: <<https://escholarship.org/uc/item/1c54x4f5>>.

autos-de-fé. Parte da população judaica conseguiu escapar, iniciando a Diáspora ibérica-sefardita.

Ao fugirem da repressão religiosa, os judeus atravessaram fronteiras do continente europeu e de parte da Ásia, instalando-se em áreas então dominadas pelo Império Otomano, hoje conhecidas como Grécia, Turquia, Bulgária, ex-Yugoslávia, além de outros países do sudeste europeu, alcançando França, Itália e o Marrocos, ao norte da África. Como este período da história judaica é amplamente divulgado e de conhecimento geral, estudado e analisado por historiadores e outros especialistas, então partimos para o ponto focal deste estudo, que é a análise da tentativa de um possível renascimento, no século XXI, do ladino², idioma que os ex-súditos espanhóis levaram consigo ao abandonarem a Península Ibérica.

Este idioma, criado pelos judeus espanhóis ainda no território ibérico, era conhecido como ‘judeo-español’, como o castelhano falado pelos muçulmanos era chamado “arábico-español”. Os ex-vassalos judeus levaram consigo o idioma em que se comunicavam verbalmente nas suas lides diárias, em reuniões familiares e entre amigos, e esta era a língua usada, por escrito, em contratos comerciais, textos com temas religiosos, provérbios, canções, poemas, contos, episódios, piadas, cartas, rezas... Ao escrever em ladino, seus intérpretes o faziam com letras do hebraico, como observa Olga Borovaya: “embora fosse uma língua latina, (eles) faziam uso do hebraico cursivo”,³ como se intencionalmente quisessem que o idioma (por alguns chamado ‘dialeto espanhol’) permanecesse secreto e entendido apenas por judeus ibéricos. Nessa mesma obra, Borovaya observa que “(...) imigrantes espanhóis e portugueses eram capazes de ler os mesmos textos. Além do fato de que no século XVI esses dois idiomas [espanhol e português] eram mais próximos entre eles do que são hoje, muitos exilados espanhóis passaram algum tempo em Portugal e as pessoas mais instruídas neste país conheciam castelhano.”⁴

De ‘judeo-español’, o idioma passou a ser conhecido de muitas formas e na seleção de um termo nesta variedade os estudiosos se dividem. Tracy K. Harris dedica um capítulo de seu livro *Death of a Language, The History of Judeo-Spanish* destacando os ‘scholars’ que preferem este ou aquele nome entre os onomásticos como *Ladino*, *judezmo*, *Spaniolit*, *Judeo-spanyol*, *Djudyo*,

² Para uma história sucinta e esclarecedora sobre o ladino, v. “What is ladino?”, por Dr. Isaac Benabu, em: <<https://www.myjewishlearning.com/article/ladino/>>. Acesso em dezembro, 2021.

³ BOROYAYA, Olga, 2012. *Modern Ladino Culture: Press, Belles Lettres, and Theater in the Late Ottoman Empire*. Bloomington, Indiana: Indiana University Press, p. 22. Textual translations from Spanish, Ladino and English are mine.

⁴ BOROYAYA, 2012. Idem. Nota 15 da “Introdução”, p. 387. (No original: “(...)Spanish and Portuguese immigrants were able to read the same texts. Aside from the fact that in the sixteenth century these two languages were closer to each other than they are now, many Spanish exiles had spent some time in Portugal, and most educated people in that country knew Castilian.”) As traduções textuais do espanhol, do ladino e do inglês são de minha autoria.

Espanyol Muestro etc. Observa ela: “A questão sobre o que chamar a língua falada por judeus sefarditas do Leste ainda hoje não está resolvida.”⁵ A questão onomástica não foi resolvida então e não está resolvida hoje, quase 30 anos depois dessa afirmação. Historiadores, filólogos e outros escolhem o nome que acham mais acertado para conceituar a palavra oral e escrita dos sefarditas de origem ibérica.

Para o nosso trabalho, o termo “ladino” será empregado tanto para a língua falada quanto para a escrita como praticadas pelos judeus sefarditas de origem ibérica.

A dispersão dos falantes desse idioma começou no século XV, como já observado, e continuou por mais séculos, desde que fosse possível a fuga do território dominado pelos chamados reis católicos, seus descendentes e pela Igreja Católica. Em cada local onde os judeus expatriados se estabeleceram, com eles se estabelecia o ladino como seu meio de comunicação.

Com o gradual desaparecimento das gerações que praticavam a língua herdada dos antepassados ibéricos, o ladino passou a ser um idioma participante da comunidade apenas e quase somente pela escrita. De vez em quando era cantado aqui e ali, outras vezes como linha de comunicação em peças teatrais e em ocasiões em que algum grupo de saudosistas se propusesse a reviver o ladino oral. De outro lado, o ladino escrito veio se reproduzindo e nos alcançou no século XXI. Não vamos ser tão otimistas a ponto de pensar que o ladino voltou a ser falado pelas comunidades sefarditas esparsas pelo mundo. Não será o caso, embora se encontrem exceções.

Desde a primeira dispersão a partir da Península Ibérica, não houve ameaças de grande vulto para os sefarditas até a eclosão da Segunda Guerra Mundial. Na sequência, com a mudança de regime em certos países europeus, quem não estivesse de acordo com tal procurava escapar para outro país. Aqui chegamos ao México, onde encontrou refúgio a família da escritora Myriam Moscona, descendente de sefarditas originários da Bulgária e da Turquia.

Myriam Moscona e o resgate de camadas de lembranças

Filha de pais búlgaros, Myriam nasceu no México, no dia 11 de março de 1955. Além de poeta, agora romancista, ela é tradutora, palestrante, poeta e jornalista. Sua trajetória literária é expressa principalmente pela poesia, sendo *Tela de sevoya* seu primeiro romance⁶.

⁵ HARRIS, 1994, pp. 20-23. (No original: “The question of what to call the spoken language of the Eastern Sephardic Jews is still not solved today.”)

⁶SEFAMI, Jacobo. 2021, “Myriam Moscona”.

Multipremiada, na sua coleção de troféus se encontra o Prêmio Xavier Villaurrutia de 2012, um dos mais ambicionados prêmios literários do México, para este romance. Entre suas múltiplas obras poéticas, destacamos: *El árbol de los nombres* (1992), *De frente y de perfil* (1995), *Vísperas* (1996 e 2000), *El que nada* (2006), *Negro marfil* (2011), *Tela de sevoya* (2014), *Por mi boka* (com Jacobo Sefami, 2013) e *Ansina* (2016).

Como se dá a perceber, o título do seu romance em foco está em ladino, como alguns de seus fragmentos com sentenças, provérbios, diálogos, ensaios, crônicas e poemas neste idioma, enquanto o espanhol é o principal meio de comunicação na narrativa.

“Sevoya” é ‘cebola’ em ladino e ‘tela’ tem a ver com seu envoltório, constituído de inúmeras capas, finas e quase transparentes (chamadas ‘túnicas’). Para chegar ao bulbo comestível da cebola, vamos nos desfazendo dos seus invólucros e assim, o metafórico título do romance já o demonstra claramente: a narrativa é um descolar de camadas de memórias, pelas quais se inserem partes da trajetória de uma família sefardita. Incluem-se descrições de fatos históricos que tiveram influência no destino daquele grupo familiar, crônicas de uma viagem à Europa (com relevância à Bulgária), Grécia, Turquia e Israel, e alusões à culinária sefardita, com a inclusão de algumas receitas.

As reminiscências da narradora vão trazendo vida às camadas das suas lembranças, começando pelo que presenciou ainda menina na sua casa no México e o que ouviu de alguns parentes como era a sociedade sefardita antes do Holocausto na Bulgária. Pode-se dizer que esta obra, além de ser bilingue (espanhol e ladino), tem duas dimensões: autoficcional e histórica. De estrutura que foge ao convencional ou à tradição narrativa, a romancista destaca seis envoltórios da ‘cebola’, ou o romance está dividido em seis partes, que se alternam. São elas assim designadas (entre parênteses o equivalente em português): “Distancia de foco” (*Foco à distancia*), “Molino de viento” (*Moinho de vento*), “Del diario de viaje” (*Do diário de viagem*), “Pisapapeles” (*Pisa-papeis*), “Kantikas” (*Cantigas*) e “La cuarta pared” (*A quarta parede*). Pode-se ler em linha reta, seguindo a disposição de tais fragmentos ou pode-se seguir um plano pessoal escolhendo saltar os textos intercalados e prosseguir na sequência dos fragmentos. Por exemplo, terminando de ler ‘Distancia de foco’, que trata da família da narradora, é possível ir para o próximo capítulo desta parte, que se coloca algumas páginas adiante. Entre a primeira entrega de “Distancia de foco” e os demais textos sob o mesmo título, intercala-se “Molino de viento” e entre este e o segmento seguinte de “Distancia de foco” outras partes se interpõem, que pode ser “Del diario de viaje”, e assim por diante. O vaivém desses e demais fragmentos nos traz a ideia do movimento aleatório da memória, enquanto se faz evidente o trabalho artesanal-literário

da autora na distribuição dos textos, ou seja, na retirada das camadas da cebola metafórica.

Os títulos dos capítulos ou fragmentos são tão variados quanto os temas que abrigam, mas o fulcro da distribuição das suas memórias apoia-se em dois eixos: um é a descrição da sua vida até a puberdade em companhia de duas viúvas: sua mãe e a avó materna, a temível Victoria; o segundo eixo a sustentar a estrutura do romance são as buscas do passado dos seus pais, em viagens para a Bulgária e outros lugares. Estes dois eixos são enriquecidos por fatos assumidos como reais, como o relato da viuvez da avó materna aos 34 anos, enquanto ainda morava na Bulgária. Na ocasião, seus filhos tinham um, oito e 15 anos de idade, ao que a narradora, ironicamente comenta, entre parênteses: “(Uma tormenta hormonal vivida a cada sete anos?)”⁷.

A ironia ou um gracejo às custas de uns e outros parece ser acompanhante infalível no desenrolar das narrativas, como ao descrever a moça que cuida de Salomón Karmona, seu avô paterno, marido da avó Esther: “A senhorita que cuida dele é angelical, toda vestida de branco, como um copo de leite.”⁸

Sobre a mãe da sua mãe, com quem é obrigada a conviver até a adolescência, ela diz: “Minha avó Victória, a mulher sinistra da minha infância ...”⁹ A avó está à morte e o diálogo final entre as duas é assim descrito: “... a avó Victória tem um momento de lucidez antes de morrer. Suspira exalando ar como se fosse ligar um motor. Pego na sua mão e lhe digo, ao ouvido: -- Avó, me perdoa? – Ela vira o rosto para o lado e me diz: Não. Para uma menina tão má como você, não há perdão.”¹⁰

Depois de morta, a avó ainda vai atormentar a neta com aparições imaginadas ou não, mas temerosas, ameaçadoras, ecoando sua última sentença antes de morrer, que não a perdoaria. O marco histórico emoldurando esta morte foi a chegada do primeiro homem à lua, ao que a narradora elabora: “Minha avó morre quando o século XX já está bastante avançado, mas nunca saiu do século XIX.”¹¹

Em vida, a avó lhe fala em ladino, a menina responde em espanhol mexicano do seu tempo. Nos quadros em que o século XIX conversa com o século XX, percebe-se o distanciamento linguístico entre as gerações. Isto foi anotado na pesquisa de Harris, ao

⁷ MOSCONA, 2014, p.79. (No original: “(Una tormenta hormonal vivida a cada siete años?)”)

⁸ MOSCONA, 2014, p. 21. (No original: “La señorita que lo cuida es angelical, toda vestida de blanco como un vaso de leche.”)

⁹ MOSCONA, 2014, p. 14. (No original: “Mi abuela Victoria, la mujer siniestra de mi infancia” ...)

¹⁰ MOSCONA, 2014, p.23 (No original ladino: “No. Para una preta kriatura komo sos, no ai pedron.”)

¹¹ MOSCONA, 2014, p. 24. (No original: “Mi abuela muere muy avanzado el siglo XX, sin dejar nunca el XIX.”)

observar: “Quando questionados se seus netos falavam ladino, 100 por cento ou todos os informantes com netos responderam negativamente.”¹² No entanto, como filha e neta de falantes de ladino, Moscona escreve em espanhol e no idioma de seus antepassados como se nunca houvesse distanciamento entre as gerações. Sobre a inserção do ladino neste romance, Julia Kahn comenta: “Sua constante presença em *Tela de sevoya* permite a Moscona reanimar e resgatar do esquecimento as lembranças, tradições, cultura e língua da sua família e dos antepassados, revivendo um passado quase completamente asfixiado por perdas e pela passagem do tempo.”¹³

Alguns fragmentos estão inteiramente em ladino, sem tradução, aliás, como em todas as passagens onde este idioma é inserido. Qual seria a intenção da autora em incluir uma língua que hoje, mais do que nunca, é pouco conhecida fora (e até dentro) dos círculos sefarditas? Tal tentativa de resgate, como observa Julia Kahn, pode resultar em renascimento do idioma? Talvez sim, para os que conhecem o espanhol o suficiente para acompanhar o ladino, e talvez não, pois quem não entende castelhano pode continuar do lado de fora da compreensão do idioma ladino e, portanto, poderá não acontecer a recuperação intentada. Em todo o caso, há a boa intenção da autora, neste romance autoficcional, histórico e bilingue, em que levou seis anos para completar (iniciado na Bulgária, em 2006, terminado no México, em 2012, como indica na última página do livro).

Os segmentos expostos em “Del diario de viaje”, como o título indica, têm a ver com a viagem que a narradora empreende para a Europa (Bulgária), Turquia, Grécia e Israel, em busca de elementos para reconstituir, por escrito, a vida dos sefarditas antes, durante e depois do Holocausto, principalmente da sua família. Consegue visitar a casa onde moraram sua avó Victoria e sua mãe quando menina. Naquele país, os judeus falavam o ‘djudezmo’, que a avó da narradora carregou consigo na sua vida mexicana.

Em “Molino de viento” entram cenas surrealistas, recriadas em sonhos e miragens, seja pela presença da sua mãe já falecida que foi cantora de ópera e pianista, ou pela visão do seu pai carregando um piano, ou sua avó, a sinistra. Esta lhe aparece nas ruas de Sofia, na Bulgária, em cada uma das idosas que se espalham pelas ruas da cidade. Uma

¹² HARRIS, 1994, p. 241. (No original: “When asked if their grandchildren spoke Ladino, 100 percent or all the informants with grandchildren answered in the negative.”)

¹³ KAHN, Julia, 2020, “Jewish Ancestral Languages and Communicating the Sephardic Experience: The Judeo-Spanish of *Tela de sevoya*,” *The Yale Undergraduate Research Journal*: Vol. 1: Iss. 1, Article 7. Disponível em: (No original: “Its constant presence in *Tela de sevoya* allows Moscona to reanimate and rescue the memories, traditions, culture, and language of her family and ancestors from oblivion, vivifying a past almost completely smothered by loss and the passage of time.”)

delas lhe fala em ladino e a narradora escapa, mais uma vez, da tenebrosa avó que já estava falecida havia muito (p.212). Outras visões e diálogos imaginários preenchem muitos dos fragmentos desta parte. Ora é seu pai que guia a narradora pelas pegadas deixadas na areia à beira mar, ora é a avó Victória que lhe fala como sempre, recriminando e ameaçando como se a narradora já não fosse mulher adulta, mas ainda a menina (p.145).

Os quadros ou episódios expostos em “Distancia en foco” são de um realismo amargo. Por exemplo, num deles a reputação de um tio (por afinidade, casado com uma tia) é descrita e destruída. Ele foi médico geriatra que receitava a então famosa fórmula rejuvenescedora da doutora Ana Aslan, aplicando-a com sucesso em seus pacientes, sempre altas figuras no mundo político mexicano (p.171). A narradora mostra como a vida do casal era infeliz, a ponto de a tia abandonar o marido e este seguir no seu casulo egoísta até o final. Os demais fragmentos sob o mesmo título revolvem com aparente fidelidade o sistema familiar, descrevendo o perfil da avó Victória ainda na Bulgária. Neste sentido, é narrado o episódio do desaparecimento da cachorra Nora, para o qual a ‘avó sinistra’ colaborou, apesar da tristeza que impactou seus próprios filhos (p.232). Sobre Esther, a avó paterna, há raros comentários, embora um dos segmentos de “Distancia en foco” a autora relata certos episódios vividos por ela na sua companhia. Descobre-se que a avó Esther era turca, viveu em Istambul e em Esmirna. Era bastante loquaz e inventava histórias com as quais procurava entreter a netinha.

Em “Pisapapeles”, é narrada concisamente a história dos judeus no México em vários segmentos; à página 202 informa-se sobre o idioma ladino, em que são alinhados oito de seus variados nomes, além de indicar outros idiomas selecionados pela UNESCO como em perigo de desaparecimento, o que é possibilidade para o ladino (situação já prevista por gramáticos e filólogos). Se esta previsão for concretizada, o ladino acabará sendo uma curiosidade de museu, como o ídiche está sendo considerado.

Os segmentos trazem crônicas curtas, seja contando uma piada (p. 189), seja colocando a receita de um frango, feito por um judeu convertido ao cristianismo (Luís de Santángel, protetor de Cristóvão Colombo) para ninguém menos do que o rei Fernando (p. 194). Esta seção imprime uma diversidade de temas, como o relato da fundação de um movimento (*Ladinokomunita*) pela sobrevivência do ladino, iniciado por Rachel Amado Bortnick, em 1999 (p.185). A autora insere uma piada com protagonistas judeus e prossegue com relatos em estilo jornalístico, ao contar sobre Aaron Appelfeld, Paul Celan, o dialeto vêneto ainda usado em algum lugar do México e línguas desaparecidas,

sobre os cripto judeus etc. De todas as partes em que se encontra dividido o volume, “Pisapapeles” é a que mais reflete os talentos jornalísticos da escritora, pelo tom objetivo e informativo dos segmentos que o compõem.

Em “La cuarta pared”, contempla-se a repentina chegada de uma personagem muda, representada por um diário datado de 5 de setembro de 1902, seguido por outras datas, 1907, 1910, 1920, finalizando em 1933. A autora das páginas do diário se designa “Sara” e sua identidade será parcialmente desvendada na área “Del diário de viaje”. Trata-se de alguém que leva o sobrenome da família do pai da narradora: Sarota Karmona. Este nome foi encontrado num túmulo localizado num cemitério judeu na Turquia, conforme informação obtida por acaso, mas permanece a questão: como Sara (seu nome verdadeiro, pois “Sarota” era um apelido devido à sua robustez, como esclareceu no seu diário) tinha o sobrenome do pai da narradora, quem foi ela na linhagem paterna? Pergunta sem resposta, mas se estabelece que ela foi mulher além do seu tempo quando se empregou como telegrafista numa Turquia machista e resistente a que mulheres trabalhassem ‘fora de casa’. Páginas do seu diário foram encontradas num certo “Museu Sefardí” (p. 226) e agora constam do volume *Tela de sevoya*.

Inserem-se em “La cuarta pared” textos em ladino (diferente dos demais registros neste idioma, que constam de curtos diálogos). O primeiro deles é uma carta, endereçada a quem e por quem? É para os leitores deduzirem. Começa assim:

Mi prezizada:

A los sunkuenta i mas anyos me topo ande devo estar. A Dio Patrón del mundo! No saviya ke kon los ojos serrados los moertos te avlan em línguas de atras, del tiempo de atras, tomo ese pásharo ke entiero se avre para volar, ama vuela de adielante para atras, porke no le importa ande va. Le importa de ande viene.¹⁴

A este texto seguem-se outros, pelos quais as vozes dos mortos se fazem ouvir (ou ler) em ladino (p.58):

¹⁴ MOSCONA, *Tela de sevoya* (2014), p.39. (Tradução ao português: Minha querida: Aos cinquenta e mais anos, me encontro onde devo estar. Com Deus Senhor do mundo! Não sabia que com os olhos fechados, os mortos te falam em língua antiga, do tempo antigo, como este pássaro que se expande inteiro para voar, mas voa da frente para trás, porque não lhe importa para onde vai. O que lhe importa é de onde vem.)

*Esta la lengua de nuestros rikordos ... Me plaze avlar djudezmo porke esto atada kon estos rekordros. Los mansevos, no. No tienen curiosidá por esta lingua.*¹⁵

Neste texto, diferenças ortográficas entre ‘rikordos’ e ‘rekordros’, atestam para o fato de esta ‘língua das nossas recordações’ sofreu variantes na fala e na escrita. Além deste registro linguístico, é notável a observação da autora em expor a situação corrente do ladino, uma língua antiga que aos jovens não pode interessar. Nem por curiosidade.

Este romance, porventura parcialmente autobiográfico, contém sugestões, situações imaginadas, episódios criados em sonhos e descritos em pormenores, revelações oníricas, imagens surrealistas convivendo com cenas e personagens tangíveis, fatos históricos, enfatizando situações desastrosas para os judeus, sua resistência e supervivência - o que equilibra sobremaneira a narrativa entre o surreal e o histórico, o imaginado e o real.

A autora cita Marcel Proust (“tan presente en esas páginas” – em “Agradecimientos”), como seu mestre e mentor invisível no desembaraço das peles da “cebola”. Ao retirá-las, uma a uma, descobrem-se os mortos que voltam para recomendar o espanhol falado pelos judeus, os vivos são vistos como viajantes que descobrem histórias dos passados próximo e remoto e que tentam fazer o resgate de um idioma – ladino - que foi comunicação de comunidades vibrantes um tempo.

A debilidade do Ladinolentre as famílias descendentes dos judeus ibéricos também encontra explicação na obra de Moscona: em parte pelo desaparecimento prematuro de um grande quinhão dos seus falantes no século XX, com a aniquilação efetuada pelos nazistas, em parte pelo lento, mas seguro abandono dos grupos que o falavam e que se foram fundindo, em termos de linguagem, com a sociedade hegemônica. No entanto, percebe-se resistência na escrita, como atestam este romance e o seguinte, a ser comentado abaixo.

Hernán Rodríguez Fisse – da Turquia ao Chile

¹⁵ MOSCONA, *Tela de sevoya* (2014), p. 58. (Em português: Esta é a língua das nossas recordações (...) Tenho prazer em falar djudezmo porque estou presa a essas lembranças. Os jovens, não. Não têm curiosidade por esta língua.)

Outro escritor hispano-americano que inclui ladino nos seus romances é o chileno Hernán Rodríguez Fisse. Da mesma geração de Myriam Moscona (nascido em 14 de junho de 1950). Seus pais, Fortunée e David Rodríguez, saíram da Turquia para o Chile em 1949, por razões econômicas.

A formação universitária do escritor inclui estudos na Universidade do Chile em Administração Pública, graduação em Jornalismo pela Universidade Católica do Chile, grau de Mestrado em Ciências Políticas e Doutorado em Relações Internacionais. É professor de Comércio Internacional e Negociações, além de Resoluções de Conflitos na Universidade do Chile, com passagens pelas Universidades de Santiago e Federico Santa María. É diretor e editor da revista Zéjel, dedicada às artes, ciências e literatura, e colaborador assíduo das revistas El Amaneser, suplemento mensal do jornal Shalom, em Istambul, Aki Yerushalayim, em Israel, Foro, no México, E-Sefarad, na Argentina e, ultimamente, tem colaborado para a revista-internet Sephardic Horizons. Como seria de se esperar, ele ensina ‘djudezmo’, ladino, ou djudeo-español, para a comunidade sefardita de Santiago, a pedido de seus membros.

Entre suas obras publicadas, ressaltam-se Prefiero Chile (2017), que recebeu o prêmio Revista de Libros de 2016, do jornal El Mercurio; Elie Alevy, la marca de Auschwitz (2018), comportando em forma de narrativa os resultados de entrevistas com um sobrevivente romaniota do Holocausto na Grécia e residente no Chile na altura dos contatos com Hernán Rodríguez;

Sefardíes en el exilio (2019), revela (a história da família Fisse, cujo patriarca, o Sr. Eliezer Fisse, que viria a ser avô do escritor), era dono de uma loja de temperos ou especiarias, no interior de um grande mercado, em Istambul. É nesta história que percebemos a insistência e a perseverança dos judeus sefarditas que usavam ladino entre eles a continuarem a praticá-lo com seus filhos e netos. Um dado de importância na narrativa é a descrição de cada membro da família Fisse que se comunicava em casa e, mais tarde, por cartas e telefonemas, exclusivamente em ladino. Nesta obra multibiográfica (por descrever as trajetórias de cada membro da família, constituída por Eliezer, sua esposa, cinco filhas e um filho), os ditos em ladino são traduzidos ao espanhol.

Nesse e em outros trabalhos literários, Hernán Rodríguez opta pelo termo ‘judeo-español’ e neste idioma insere algumas sentenças em Sefardíes en el exilio, como “*Hanuma linda, te esperamos kon los brazos aviertos*” (...) “*El eskarinyo por ti es muy grande*”. Tradução ao

português: “Linda querida, te esperamos com os braços abertos” (...), O carinho por ti é muito grande”.¹⁶

Em 2020, publica *Paris, Amor y Dolor*, uma narrativa histórica a respeito de León Behar (personagem não-fictício) que fora obrigado a interromper seus estudos numa cidade do interior da Turquia aos 17 anos, em 1915, e ir para a Bulgária, aprender junto a um tio, dono de barbearia, como cortar e pentear cabelo, bigodes e barba. Foi tal seu sucesso como aprendiz que se fez famoso e decidiu tentar a sorte em Paris – para onde se dirigiu com Robert, que conheceu e com quem fez amizade na Bulgária. Na ‘cidade-luz’ e em quase todos os lugares por onde andaram León e a família que constituiu, encontraram amor e dor, como indicado no título do livro. A narrativa tem a Primeira e a Segunda Guerras como pano de fundo e como elementos intrusos no desenrolar descritivo das muitas vidas emaranhadas por estes e outros conflitos bélicos e políticos. Sentenças em ladino são colocadas aqui e ali, seguidas de suas traduções respectivas em notas ao pé da página.

O que se faz significativo para este estudo, é que o autor está passando (na altura desta escrita) esta obra ao judeo-español. Alguns de seus capítulos estão publicados em El Amanecer, dos quais seleciona-se um parágrafo do ‘Kapitolo X’ e seu correspondente em espanhol, abaixo:

Em espanhol: “Concluída la jornada de trabajo, León y Robert aprovecharon de caminar por los alrededores de la Plaza Vendôme, y se dieron cuenta de que la peluquería estaba rodeada de elegantes locales de ventas de joyas y vestuario femenino. Al ingresar a la pensión los recibió el botones que los había ayudado con el equipaje el día anterior, y mientras les entregaba la llave del cuarto, volvió a reiterar la oferta de visitar el burdel de la vereda de enfrente.”¹⁷

Em ladino: “Kapitolo X: “Al eskapar el lavoro en la kuaferia, León i Robert profitaron de azer promenades por las kalejas ke arrivan a la Plaza Vendôme, ande ay magazenes de djoyas i vistidos de mujer. Kuando tornaron a la pension, el chirak les disho, otruna vez, ke fueran al bordel de enfrente (...)”¹⁸

A história (real) destes personagens inclui o terror do Holocausto na Europa, quando os dois amigos, León e Robert, se encontravam em Paris. Enquanto León se casou e constituiu família (uma foto dos Behar está entre as primeiras páginas do romance), Robert levou uma vida mais

¹⁶ RODRÍGUEZ, Hernán Fisse (2019), p. 128.

¹⁷ RODRÍGUEZ, Hernán Fisse (2020), p. 35. (Tradução ao português: Terminado o dia de trabalho, León e Roberto aproveitaram para caminhar pelas vizinhanças da Praça Vendôme, quando perceberam que o salão era cercado por elegantes joalherias e lojas de roupas femininas. Voltando à pensão, foram recebidos pelo rapaz das bagagens, que os havia ajudado com as malas no dia anterior e quando lhes passou a chave do quarto, repetiu a sugestão de visitarem o bordel que ficava na rua em frente.)

¹⁸ RODRÍGUEZ, Hernán F. in El Amanecer (11 de agosto, 2021).

instável, tendo mudado de cidade e de emprego várias vezes. A amizade entre eles permaneceu intacta durante todo o tempo em que estiveram separados pelos acontecimentos da Segunda Guerra.

A esposa de León era irmã de Jacques Rodríguez, que morava no Chile e que atraiu seu irmão David e sua esposa Fortunée àquele país, onde nasceu Hernán, o autor. Os ciclos de vida se repetem nesta narrativa com outros personagens, expondo elementos opostos, como amizade (entre León e Robert) e traição (de uma vizinha que denunciou León à Gestapo, resultando em que seu salão de beleza fosse lacrado, na cidade de Vigneux, na França, onde vivia então), amor conjugal e alegrias amorosas passageiras, emprego fixo e demissões (como Coco Chanel fez com sua modelo principal e seu talentoso alfaiate, por serem ambos judeus), doenças mentais, discussões raivosas entre membros da mesma família, fugas e abrigos, celebrações familiares e solidão. A dinâmica textual não se limita a esses eventos contrastantes, mas também às mudanças geográficas que os personagens são obrigados a fazer, seja em busca de trabalho, seja para iniciar uma vida nova depois de fracassos pessoais ou para escapar dos nazistas.

Na obra em pauta – *Paris, Amor y Dolor* - o ladino ou ‘judeo-español’ é usado por León abertamente quando é reconhecido como judeu sefardita pelo dono de uma fábrica de tecidos, que lhe diz: “*No ay lavoro, por modo de la guerra ninguno está merkando telas i por eso le dishe a Roberto que se tome vakansas.*” O autor oferece tradução ao espanhol, que passo ao português: “Não há trabalho, por causa da guerra; ninguém está comprando tecidos e por isto eu disse a Roberto que pegasse umas férias.”

O fato de o autor falar judeo-español na sua vida diária e nos seus escritos vem a ser a exceção na pesquisa de Tracy K. Harris no quesito de abandono deste idioma de parte da geração dos netos dos falantes de ladino. Não só os filhos do patriarca Eliezer Fisse (1884-1968), esparsos pelo mundo, prosseguiram se comunicando em ladino de onde estivessem, como também seu neto Hernán Rodríguez Fisse.

Os principais atributos do romance concentram-se tanto na observação das mudanças ocorridas durante os vários estágios das vidas assinaladas, quanto nos saltos geográficos empreendidos por quase todos os personagens. E há uma certa abundância destes, pois se deslocam à medida que circunstâncias opressoras impõem tal movimentação ou que seu destino é traçado à sua revelia. Há várias narrativas numa só, os personagens cruzam-se uns com outros, seja por amizade ou laços familiares, seja por casualidade ou planejamento. É um romance realista, imperioso na amostragem de cenas violentas, de perseguições, prisões e contínuo desalento. No entanto, apesar dos episódios negativos no desenrolar das várias narrativas, há uma constante, que é o alimentar-se com esperança no amanhã. Nesta faixa se agrupam tanto a família de León

Behar quanto seus parentes e amigos próximos e distantes. Há uma corrente de esperança e de luta, a resistência deles se encontrando numa determinação, que se traduz pela busca incessante de ‘dias melhores’. Nesta procura instala-se uma energia invisível, mas perceptível na maior parte das iniciativas dos personagens. Quase um diário de vários destinos dos sefarditas na Europa e na América do Sul, o romance inclui pessoas não judias e membros da sociedade circundante ora como amigas, ora como inimigas. É um retrato fiel – se diria – da vida humana, em tempos de paz e de guerra.

Observações finais

Moscona revela uma face do ladino que pode ser vista como intelectualizada na maior parte da sua expressividade no romance *Tela de sevoya*. Exceto pelos diálogos (principalmente entre a narradora e a avó Victória), o ladino empregado neste romance é, de certa forma, como congelado pelos anos em que esteve ausente de longas narrativas escritas. O ladino de Moscona é romântico, sonhador, idealista e, ao mesmo tempo, realista. Mostra o veio poético da autora entre os atributos de fidelidade à História, às lutas da família por sobrevivência em diversos cenários, à história do ladino no mundo. Portanto, é um livro intelectualmente planejado para trazer uma espécie de amostra pedagógica da vida dos sefarditas na Europa e no México, bafejada por uma brisa melancólica que percorre a maior parte dos segmentos ou das peles da cebola.

De outro lado, a posição de Rodríguez em relação ao ladino no seu livro mostra-se mais inclinada ao uso corriqueiro e realista da língua como era normalmente falada pelas pessoas em casa, em reuniões, nas ruas e em qualquer lugar onde o idioma fosse meio de comunicação oral. A narrativa expõe um alto grau de realismo nas descrições de atividades e cenários, não dando espaço para que o autor faça uma estrutura pessoal baseada em cenas ou diálogos oníricos. *Paris ...* está em espanhol, sendo traduzido (na altura desta escrita) ao ladino. Os parágrafos citados mostram uma linguagem que não aspira a ser poética ou ambígua, é prática e objetiva. De ângulos diferentes, os dois escritores trouxeram o ladino para os círculos literários da atualidade, como uma espécie de escudo contra o esquecimento total. Eles tentam fazer voltar (começando pela escrita) uma língua da qual quase nada se sabe fora das esferas sefarditas. No entanto, pelo arrojo de suas iniciativas, pode-se prever que o ladino continuará entre nós enquanto escritores persistirem em publicar numa língua que muitos acreditam estar agonizante, porque não falada. Mas está viva enquanto escrita, lida e comentada

O crítico Jacobo Sefami, no mesmo verbete do qual foi recortada uma sentença como epígrafe deste ensaio, afirma: “É curioso como o judeo-español ou ladino aparece muito pouco entre os escritores latino-americanos’ (...)”¹⁹ Datada de 2002, esta afirmação já pode ser substituída, pois nos últimos vinte anos o ladino está se rejuvenescendo, na América Latina, com escritores como Moscona e Rodríguez.

Bibliografia

BENABU, Isaac. “What is Ladino?” | My Jewish Learning. <<https://www.myjewishlearning.com/article/ladino>>. Acesso: dezembro, 2021.

BOROVAYA, Olga. *Modern Ladino Culture: Press, Belles Lettres, and Theater in the Late Ottoman Empire*. Bloomington, Indiana: Indiana University Press, 2012, p. 22.

HARRIS, Tracy K. *Death of a Language - The History of Judeo-Spanish*. Newark: University of Delaware Press, 1994.

KAHN, Julia, "Jewish Ancestral Languages and Communicating the Sephardic Experience: The Judeo-Spanish of *Tela de sevoya*," The Yale Undergraduate Research Journal: Vol. 1: Iss. 1, Article 7, 2020.

KOHEN, Elli & KOHEN-GORDON, Dahlia, *Concise Dictionary Ladino-English / English-Ladino Concise Encyclopedic Dictionary (Judeo-Spanish)*. New York: Hippocrene Books, 2000.

MOSCONA, Myriam. *Tela de sevoya*. Barcelona: Acantilado, 2014.

RODRÍGUEZ, Hernán Fisse, *Paris, Amor y Dolor*. Santiago: Ediciones Zéjel, 2020.

SEFAMI, Jacobo, “Myriam Moscona”, *The Shalvy-Hyman Encyclopedia of Jewish Women* (atualizado em junho, 2021).

¹⁹ SEFAMI (2021) (No original: “Lo curioso es que el judeo-español o ladino aparece muy poco entre los escritores latino-americanos” (...)).